

EDUCAÇÃO ESTÉTICA E ARTE LITERÁRIA: UM CAMINHO DE MUITAS VEREDAS

Maurício Silva¹

“hay algo que no falla y es la convicción de que – únicamente – los valores del espíritu nos puden salvar de este terremoto que amenaza la condición humana” (Ernesto Sábato).

INTRODUÇÃO

Se formos procurar a definição do termo *estética*, no dicionário, veremos que esta palavra pode nos remeter para vários significados, indo da ideia de uma determinada aparência, física ou não, até uma ideia de perfil artístico, sem nos esquecermos de significados mais comuns, como aqueles ligados a determinados ramos profissionais. Contudo, o termo provém, originalmente, da filosofia, estando relacionado ao estudo do fenômeno artístico e à reflexão sobre a sensibilidade humana; nessa acepção, ele vincula-se, via de regra, à noção de beleza e seus sentidos derivados.

No universo das artes, portanto, onde o vocábulo é mais utilizado, empregamo-lo para nos referirmos a um quadro, uma música, uma poesia, uma escultura ou um filme. Em geral, ele se liga, também, a uma avaliação positiva ou negativa do "objeto" analisado, podendo ou não – de acordo com a acuidade crítica empregada – ser seguido de uma reflexão analítica e/ou interpretativa. Por exemplo: posso dizer que, do ponto de vista estético, na medida em que promove uma mudança de rumos na nossa historiografia literária, propondo uma reflexão mais profunda da condição humana e revelando aspectos inovadores da sociedade brasileira do final do século XIX, o romance de Machado de Assis trouxe significativas contribuições para o amadurecimento da tradição literária brasileira; além disso, em relação ao aspecto formal, sua obra rompe tanto com uma tradição romântica, que prevaleceu até sua época, quanto com a tendência realista-naturalista então vigente, denotando um esforço de ruptura com os modelos de interpretação do meio social e humano, por meio do discurso literário. Essa pequena análise/interpretação da literatura machadiana revela-nos o alcance de sua obra numa perspectiva estética, ou seja, não se está preocupada com questões relacionadas à sociologia da literatura (mercado editorial, público-leitor, divulgação da literatura etc.), mas de aspectos da obra que

¹ Doutor em Letras (USP, 2001) e Professor da Universidade 9 de Julho.

revelam sua "beleza", sua "sensibilidade", seus contornos "literários" propriamente ditos, enfim sua *natureza estética*.

A estética, como categoria filosófica e sociológica, foi amplamente estudada desde os antigos (como demonstram, por exemplo, as obras de Platão e Aristóteles, que discutiam, entre outras coisas, determinados padrões de beleza) até os contemporâneos, como, por exemplo, os filósofos da Escola de Frankfurt, entre eles Theodor Adorno, que numa perspectiva crítica, condenava a indústria cultural, dizendo que ele nos levaria fatalmente à *barbárie estética* (ADORNO, 1985). De outro modo, podemos ainda dizer, como afirmava o sociólogo franco-romeno Lucien Goldmann, que a "significação objetiva [de uma] obra" é alcançada somente por meio de sua "análise estética imanente" (GOLDMANN, 1979, p. 76).

Se considerarmos, como dissemos antes, que uma obra só pode ser apreendida em seu sentido pleno por meio da observação estética, não é difícil depreender que o estudo da estética torna-se imprescindível para qualquer avaliação que se queira fazer de uma obra artística, seja ela uma peça musical, um filme cinematográfico ou um livro de ficção.

É necessário lembrar, contudo, que fazer uma *avaliação* estética, como acabamos de dizer, implica outras questões um tanto complexas. Implica, por exemplo, lançar mão e critérios de valor que, quase nunca, estão isentos de certa ideologia, pois nem sempre uma avaliação estética depende apenas de um *gosto pessoal*. Pode-se, a título de ilustração, considerar um determinado quadro uma autêntica *obra de arte* apenas porque seu autor já foi considerado um nome consagrado pela crítica e pela historiografia das artes plásticas; pode-se, ainda, considerar determinada música uma péssima obra, esteticamente falando, seja porque faz parte de uma cultura de massa, condenável por alguns críticos, seja porque ela escapa aos critérios rígidos de valoração, estabelecidos por determinada classe social.

Por isso, avaliar esteticamente determinado "produto" cultural é não apenas apreender dados factuais, como nomes de artistas e períodos estéticos, mas principalmente refletir sobre determinadas categorias fundamentais para uma *educação estética* mais abrangente. Basta nos lembrarmos que conceitos como os de valor histórico, gênero literário, tradição artística e outros, relevantes para a análise estética, transformam-se de uma época para outra, assumindo estatutos distintos de acordo com uma série de fatores exteriores à própria obra artística, fatores que vão da classe social de quem analisa/avalia determinada obra até as influências de mercado a que toda obra de arte está sujeita, passando, inclusive, pela tão debatida noção de *gosto*. Como lembra

Márcia Abreu (2006), ao tratar especificamente da literatura, mas numa exposição que serve também para outras áreas da atividade artística, “a avaliação estética e o gosto literário variam conforme a época, o grupo social, a formação cultural, fazendo que diferentes pessoas apreciem de modo distinto os romances, as poesias, as peças teatrais, os filmes” (p. 59).

Assim, podemos dizer resumidamente que o exercício de análise, interpretação e avaliação estéticas – que implica no reconhecimento das funções analítica, hermenêutica e axiológica de determinado produto cultural – passa por uma concepção mais abrangente e profunda de *educação estética*, tão necessária na atualidade, em que o pragmatismo do mercado acaba se sobrepondo à sensibilidade do *gesto* e do *gosto* humanos!

O objetivo deste artigo é justamente tecer uma série de considerações, nascidas de uma reflexão continuada dos conceitos e procedimentos acima aludidos, acerca das possíveis relações entre *educação estética* e *arte literária*, não apenas com a intenção de esclarecer seus pontos de contato – portanto, de tensão e distensão, suas conjunções e disjunções, dentro do contexto específico da cultura enquanto criação artística –, mas também de apresentar algumas das muitas veredas que o caminho resultante desse encontro pode nos oferecer.

EDUCAÇÃO ESTÉTICA E ARTE LITERÁRIA: CAMINHOS E DESCAMINHOS

A educação estética faz parte de um processo amplo de formação humana. Isso que parece óbvio, só o é em parte, já que falar em formação humana é pensar num conjunto praticamente infinito de conceitos, práticas, constituintes psicológicos, bases sociais, enfim tudo o que tem relação direta ou indireta com a própria *plenitude* do ser humano. Assim, não podemos negar que a estética - no sentido genérico que a relaciona à sensibilidade humana - é parte relevante desse processo.

Não é por outra razão que a educação estética, inserida nessa dinâmica da formação humana, possui uma vinculação imediata com um *olhar crítico* para a realidade circundante, aquilo que, num contexto mais diretamente vinculado à educação, Paulo Freire chamou de *críticidade*: o desenvolvimento da curiosidade crítica, insatisfeita e indócil, tão necessária, segundo o mesmo autor, ao reconhecimento e à assunção da identidade cultural (FREIRE, 2009). Ainda nesse contexto da educação, vale lembrar que a educação estética faz parte das próprias diretrizes educativo-pedagógicas do Ministério da Educação no Brasil, assumindo, portanto, um caráter de política pública inquestionável. Os conhecidos *Parâmetros Curriculares Nacionais*

(PCN), por exemplo, não deixam dúvida quanto à necessidade de se trabalhar, no ambiente escolar, mas também como parte de um processo de formação humana – já que fala nas vantagens da educação estética para o apuro da *experiência humana* –, a educação artística:

a educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana [...] O conhecimento da arte abre perspectivas para que o aluno tenha uma compreensão do mundo na qual a dimensão poética esteja presente (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO/SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL, 2000, p. 19/20).

Portanto, podemos inferir pela impossibilidade de se desvincular a educação estética do processo de formação humana, seja nos limites estritos do ambiente escolar, numa prática regida pelos princípios da pedagogia, seja no universo mais largo da própria experiência – social, religiosa, familiar etc. – do ser humano. Além disso, pensar em educação estética é, no limite, pensar nos próprios “componentes” essenciais da estética, aquele conjunto de elementos básicos, responsáveis, entre outras coisas, por tornar possível nossa apreensão do fenômeno estético.

Assim, se estamos diante de um quadro ou uma escultura, não convém – para que consigamos apreender de modo mais profundo e mais amplo suas particularidades estéticas – que nos limitemos a analisá-los de forma superficial, limitando-nos tão somente à sua “exterioridade”, à sua aparência mais evidente. É necessário que agucemos nosso olhar, que aprofundemos nossa análise, levando em consideração, pelo menos, alguns de seus *elementos básicos*: a forma, o tamanho, a textura, a cor etc. Como complemento dessa relação que estabelecemos com o objeto estético analisado, podemos ainda levar em consideração outros fatores, desde sua posição em relação ao espaço até a perspectiva adotada pelo observador (por exemplo, um olhar mais próximo ou mais distante, um olhar que se atém a aspectos gerais da obra ou aos seus detalhes etc.). Já se analisarmos outro “produto” artístico – um filme, por exemplo –, o que deverá ser ressaltado, em nossa tentativa de apreensão de seus componentes estéticos fundamentais, são fatores de duas ordens distintas: da ordem da narrativa ali representada (personagens, ação, espaço, roteiro etc.) e da ordem da técnica de composição fílmica (plano geral, tipos de câmera, segmentação etc.). O mesmo procedimento serve para a compreensão e fruição estética de outras manifestações artísticas, como a música (cujos elementos estéticos básicos são o ritmo, a melodia, a harmonia e muitos outros) ou a literatura (com suas personagens, foco narrativo, rimas e ritmos na poesia, tempo e espaço romanescos etc.). Além disso, se adotarmos uma perspectiva

diferente de análise e observação do objeto estético, certamente teremos resultados distintos, o que revela que tais elementos dependem não apenas o objeto observado, mas também do observador, no caso da literatura, como veremos na sequência, do *leitor*.

É exatamente aí, na instância leitoral – mais até do que na autoral – que a *educação estética* atua em sua conjunção com a *arte literária*.

Pensando, então, mais especificamente no que podemos chamar de arte literária, considerações similares às que fizemos até agora podem ser relacionadas à própria literatura, que, em seu sentido lato, refere-se a todo e qualquer discurso em que se manifeste, tacitamente ou não, uma *intenção estética*. E por intenção estética entende-se a manifestação de uma atitude que transforma o próprio ato humano em *arte*.

Com efeito, o processo de criação literária ocorre por meio de leituras e releituras contínuas da realidade que nos cerca, realidade esta deliberadamente transmutada em forma e conteúdo literários. Sendo a realidade uma categoria concreta do universo que pode ser abstraída pelo homem e, inconscientemente, transformada em sua primeira leitura do mundo circundante, podemos compreender as obras literárias como releituras recorrentes desse mesmo universo. Contudo, a obra literária não possui um *significado em si mesma* (o que não quer dizer a mesma coisa que *sentido imanente*, este, sim, próprio da obra literária), devendo antes adquirir esse significado no contato direto ou indireto com o leitor, sem o que ela se esvai num estéril movimento de criação (ISER, 1997). Assim, podemos dizer que o conteúdo de uma determinada obra literária pressupõe uma releitura da realidade pelo autor e pelo seu virtual leitor, a qual se expressa *na forma e pela forma*.

Da mesma maneira que conteúdo e forma “evoluem” cronologicamente, a literatura – que, afinal de contas, é o resultado da conjunção desses dois conceitos, acrescidos da atuação indispensável do leitor – também segue uma dinâmica toda particular: antes de mais nada, reproduz a dinâmica da própria vida, o que lhe confere possibilidade de renovação contínua. Por isso, é possível afirmar que, num sentido amplo, a literatura é a expressão da própria experiência existencial do ser humano, espécie de reformulação criativa de sua existência.

Quando nos referimos à dinâmica dos componentes essenciais da obra literária, estamos tratando exatamente do *processo criativo*, que se dá por meio da interação entre forma e conteúdo e se completa por meio da sucessão de contínuas leituras e releituras. Faz-se mister esclarecer,

contudo, que tal união não se dá de maneira aleatória, gratuitamente, mas por meio de uma atuação consciente do autor, pautada em sua capacidade criativa, e do leitor, assentada em sua competência re-criativa. Por isso mesmo, deve haver – por parte do leitor – uma criatividade implícita nas sucessivas releituras da realidade: abstrair e descrever a realidade pura e simplesmente, tal e qual ela se nos apresenta, não significa senão promover sua tradução, e não propriamente uma recriação. Assim, obedecendo à dinâmica da própria vida, o processo criativo/re-criativo jamais será estático e inerte, caracterizando-se antes por uma constante transformação.

Dáí podermos afirmar, sem receio de incorrerem em erro, que *criar é transformer*: por meio de seus sentidos, o homem capta a realidade objetiva e por meio de sua capacidade criativa, transforma essa mesma realidade captada no plano subjetivo da obra literária. Disso advém o fato de que toda obra literária é, no limite, uma espécie de recriação efetivada, em conjunto, pelo artista e pelo leitor, que partem da captação de uma *realidade objetiva* e atingem uma *criação subjetiva*. Criar não é, portanto, uma ação que se coloca exclusivamente na esfera da inteligência, mas de uma atitude que se curva diante do indefectível poder da imaginação.

A realidade, nesse sentido, é *recriada idealmente*, após ter sido *criada realmente*. Em ambos os processos, o leitor também participa de maneira ativa, já que sua releitura nunca deixa de ser uma particular reorganização *criativa* das idéias. Além disso, convém salientar, toda recriação se efetiva tendo como parâmetro o universo cognoscível tanto do autor quanto do leitor, mesmo quando não há parâmetros reconhecíveis. O mesmo argumento serve para questões relacionadas ao julgamento de valor de uma determinada obra literária, isto é, à consideração de sua dimensão estética: a primeira observação relevante a se fazer sobre esse aspecto é a de que uma determinada obra adquire estatuto de *obra de arte*, primeiro, numa dimensão que tem como ponto de partida o leitor e, segundo, numa dimensão que se inscreve no âmbito das demais obras artísticas. Assim, dizemos que a obra literária necessita – na perspectiva do julgamento crítico – de elementos externos para se constituir em verdadeira expressão artística, entre os quais figura, principalmente, o leitor. Evidentemente, semelhante consideração subentende a atuação de uma boa dose de elemento subjetivo na conformação da arte, o que, aliás, está em total consonância com a abordagem psicológica da literatura, pois, como já dissera Jean-Paul Weber, "la sensation est, de l'expérience esthétique, le point de départ obligé" (WEBER, 1961, p. 14).

Há inúmeras maneiras de se expressar, mas a literatura cumpre – por meio da linguagem –

uma dupla função que é, a um só tempo, viabilizar a comunicação e promover a fruição estética. Uma descrição histórica, uma dissertação sociológica ou uma simples narração jornalística não desempenham o mesmo papel que a expressão literária: faz-se necessário, antes tudo, saber discernir o campo de atuação de cada manifestação linguística, segundo suas propriedades discursivas, e esta é, também, uma das funções da *educação estética*. Desconsiderar esse fato é, na melhor das hipóteses, desrespeitar a especificidade e a independência de cada expressão da linguagem, embora seja possível haver um ou mais pontos de intersecção entre todas elas.

Daí a necessidade de se buscar o reconhecimento e a definição de uma linguagem própria da literatura: a linguagem literária. Esta linguagem presta-se quase que exclusivamente a realizações expressivas que se encontram no universo da manifestação estética, particularmente no âmbito da *arte literária*. Forma particular de expressão, a linguagem literária constitui uma das bases principais para a distinção entre a obra de literatura e as demais realizações discursivas não literárias. Perceber e definir os componentes dessa linguagem torna-se, por tudo isso, uma das mais importantes tarefas dos críticos e teóricos da literatura, mas também do leitor.

Entre os muitos caminhos e descaminhos trilhados pela educação estética, podemos destacar a função pedagógica da literatura, que, a despeito de ser “arte” não deixa também de ser “pedagogia”, já que, além da fruição estética, pode ainda desempenhar um papel educativo.

A princípio, a literatura era essencialmente a conjunção de saberes e experiências: era o que pensava, por exemplo, Platão, para quem a arte tinha que ter uma função determinadamente educativa: "não devem, pois, nossos jovens guerreiros buscar por todos os meios estas belas qualidades, se querem desempenhar bem seus deveres? [...] Tal é também o fim da pintura e de todas as belas-artes" (PLATÃO, 1956, p. 76).

Essa é a realidade da República platônica: a arte como instrumento por meio do qual o homem é sujeito (educador) e objeto (educando) pedagógico, e a literatura, seu instrumento. Tal concepção da arte persistiu ao longo tempo, ultrapassou o espaço e conquistou adeptos. A filosofia de Walter Benjamin, por exemplo, não dispensou semelhante visão, ao declarar que uma das funções principais da arte (mas de determinado tipo de arte!) deveria ser, em última instância, utilitária e pedagógica:

(a narrativa) tem sempre em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida - de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos (BENJAMIM, 1986, p. 57).

Com efeito, é no trato dilatado e profundo do texto literário que o homem encontra a revelação de sua vivência como ser humano, na medida em que a literatura emerge, em sua prática cotidiana insubstituível, como representação simbólica da experiência humana.

CONCLUSÃO

Nasce, portanto, dessa condição primordial da atividade e do texto literários, a concepção da literatura como fenômeno norteador de nossa intervenção na sociedade, com o intuito de buscar soluções para o equacionamento dos "desequilíbrios" sociais e modos de "aprimoramento" de nossas relações humanas. Trata-se da capacidade da literatura em desautomatizar nossa percepção do cotidiano, atuando no sentido contrário à padronização de nossa apreensão da realidade; em desenvolver nossa sensibilidade e inteligência, habilitando-as plenamente para uma leitura mais abrangente do mundo; em despertar nossa capacidade de indignação, criando em cada um de nós uma consciência crítica da realidade circundante; em alicerçar nossa conduta ética no trato social, a fim de aperfeiçoar nossas inter-relações humanas; e em desenvolver nossa capacidade de compreensão e absorção da atividade estética, a partir de uma prática hermenêutica consistente.

E esses são, sem dúvida, princípios elementares não apenas da *arte literária*, enquanto manifestação humana, mas também e principalmente da *educação estética*.

REFERÊNCIAS

- ABREU, M. **Cultura letrada: literatura e leitura**. São Paulo, Unesp, 2006.
- ADORNO, T. & HORKHEIMER, M. "A indústria cultural como mistificação das massas". In: ADORNO, T. & HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento. Fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro, Zahar, 1985, pp. 99-138.
- BENJAMIM, W. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo, Brasiliense, 1986.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, Paz e Terra, 2009.
- GOLDMANN, L. **Dialética e cultura**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.
- ISER, W. **L'acte de lecture. Théorie de l'effet esthétique**. Sprimont, Mardaga, 1997.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO / SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: arte**. Rio de Janeiro, DP&A, 2000.
- PLATÃO. **A república**. São Paulo, Atena, 1956.
- WEBER, J. P. **La psychologie de l'art**. Paris, Presses Universitaires de France, 1961.

Data de recebimento: 14/11/2016
Data de aceite: 20/12/2016